



O Brasil que me foi apresentado versus o Brasil que eu conheço: sobre mim, sobre nós

The Brazil that was presented to me versus the Brazil that I know: about me, about us

El Brasil que se me presentó versus el Brasil que conozco: sobre mí, sobre nosotros

Vanito Ianium Vieira Cá¹

Resumo

O Brasil que me foi apresentado versus o Brasil que eu conheço: sobre mim, sobre nós apesar de ser descrito a partir da intercalação da minha percepção externa (midiática) de como era o Brasil e com a minha compreensão interna, vivenciada no Brasil, não é apenas um retrato da minha vida, mas de muitas outras vidas negras que sentem na pele o que é ser negro na sociedade brasileira. Minha indignação soma-se a de muitos africanos que atravessaram o Atlântico em busca da formação superior e/ou de melhores condições de vida e trabalho neste grande país que também é a minha segunda pátria. Entre encantos e desencantos, retenho a esperança de vê-lo acertar as contas com muitos passados mal resolvidos que assombram um possível desenvolvimento harmônico, equitativo e inclusivo. Os poemas aqui apresentados são de minha autoria, extraídos do livro SAKURI! Terra de um homem só, publicado pela Editora Solidus Ltda, em 2012; um registro do nosso universo africano, um relato de sociedade atual, principalmente, um retrato da sociedade guineense. As imagens são de meu arquivo pessoal, sendo as três primeiras tiradas pelo fotógrafo beninense Yannick Deen Binassou Noudehou, enquanto na primeira e na terceira visto camisas da Sankofa Butik, loja de vestuário africano do marfinense Loua Pacom Oulai.

Palavras chave: Do lado de lá; Do lado de cá; Negro; Racismo

Abstract

The Brazil that was presented to me versus the Brazil that I know: about me, about us despite being described from the intersection of my external (media) perception of what Brazil was like and with my internal understanding, experienced in Brazil, not it is just a portrait of my life, but of many other black lives that feel what it is like to be black in Brazilian society. My indignation is added to that of many Africans who crossed the Atlantic in search of higher education and / or better living and working conditions in this great country, which is also my second home. Amid enchantments and disenchantments, I retain the hope of seeing him settle the score with many badly resolved pasts that haunt a possible harmonious, equitable and inclusive development. The poems presented here are my own, extracted from the book SAKURI! One man land, published by Editora Solidus Ltda, in 2012; a record of our African universe, an account of current society, mainly, a portrait of Guinean society. The images are from my personal archive, the first three being taken by Beninese photographer Yannick Deen Binassou Noudehou, while on the first and third seen shirts from Sankofa Butik, the African clothing store of Ivorian Loua Pacom Oulai.

Keywords: Over there; In each side; Black; Racism

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Política Social e Serviço Social. Pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Saúde e Trabalho (NEST) da UFRGS, Membro do Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (GAIRE) do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) da UFRGS, e Colaborador no Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias (AKANNI).

Resumen

El Brasil que me fue presentado versus el Brasil que conozco: sobre mí, sobre nosotros a pesar de ser descrito desde la intersección de mi percepción externa (de los medios) de cómo era Brasil y con mi comprensión interna, con experiencia en Brasil, no es sólo un retrato de mi vida, pero de muchas otras vidas negras que sienten lo que es ser negro en la sociedad brasileña. Mi indignación se suma a la de muchos africanos que cruzaron el Atlántico en busca de educación superior y / o mejores condiciones de vida y trabajo en este gran país, que también es mi segundo hogar. En medio de encantamientos y desencantos, conservo la esperanza de verlo resolver el pasado con muchos pasados mal resueltos, O que persiguen un posible desarrollo armónico, equitativo e inclusivo. Los poemas presentados aquí son míos, extraídos del libro SAKUR! Tierra de un sólo hombre, publicado por Editora Solidus Ltda, en 2012; un registro de nuestro universo africano, un relato de la sociedad actual, principalmente, un retrato de la sociedad guineana. Las imágenes son de mi archivo personal, las tres primeras fueron tomadas por el fotógrafo beninés Yannick Deen Binassou Noudehou, mientras que en la primera y tercera camisetas vistas de Sankofa Butik, la tienda de ropa africana de Costa de Marfil Loua Pacom Oulai.

Palabras clave: Por allá; Por acá; Negro; Racismo

Antes de travessar o Atlântico

Do lado de lá

Com o visto do Brasil em minhas mãos, após os anciões da minha comunidade decidirem que o caminho estava “limpo” para a minha partida¹, prestes a embarcar para o país do samba, do carnaval e do futebol, faltavam-me dedos nas mãos e nos pés para fechar a conta dos dias que me restavam na terra que me viu nascer. Até os galos da minha comunidade sabiam o mês, a semana, o dia e a hora da minha partida. Quem dera eu pudesse encurtar aquelas noites sem dormir! Sonhava acordado, já que o sono foi ficando cada vez mais distante na minha aldeia imperturbável. Na minha imaginação decorada, petulante e provavelmente utópica, esbarrar com algum jogador de futebol brasileiro no aeroporto era apenas uma questão de tempo. Pouco importava-me saber a localização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela qual fui selecionado para estudar e “ser alguém na vida”. “Tô nem aí”, dizia a música da Luka. Pisar na Ilha de Vera Cruz era tudo o que mais me importava. E o dia chegou! Que bacana!

Depois de atravessar o Atlântico

Do lado de cá

Movendo sobre as nuvens, ainda meio sonolento, escutei a voz vinda da cabine: “daqui a 15 minutos chegaremos ao nosso destino” ... “dia ensolarado em Porto Alegre”. A voz era do comissário; um dos tripulantes. Finalmente, cheguei ao Brasil, com sorriso gravado no rosto, antes de beijar meu terço, companheiro de fé e de viagem. Para um ex-cristão, só resta a lembrança! Ao desembarcar, dei de cara com a burocracia. Não deu tempo para esbarrar com nenhum nacional, muito menos com um jogador de sênior. O protocolo levou-me diretamente para a fila dos não-nacionais. Enquanto a Polícia Civil examinava pacientemente os documentos de “estrangeiro”, não demorei para perceber que ninguém parecia comigo ali naquele instante e naquele lugar. Olhei para trás, olhei para frente, olhei para o lado esquerdo e direito e indaguei-me silenciosamente: será este o meu destino de desembarque? Já estou no Brasil? Eu estava sonhando quando ouvi a tripulação anunciar Porto Alegre? Deve haver um engano. Preferi insistir imaginando!

Ao receber de volta os meus documentos - rigorosamente conferidos - da mão daquele policial aeroportuário que me encarava sem sequer piscar seus olhos, peguei minhas malas e me refugiei no canto esquerdo da área de desembarque. Depois de alguns minutos, a preocupação foi tomando o lugar da euforia. “Quem tem boca vai à Roma”? Já disse o ditado popular. Então, só me restava perguntar a alguém. Quem?

¹ Um ritual importante e indispensável no lugar (comunidade) de onde eu vim.

Imediatamente, aproximei de um senhor que aparentava uns 60 anos. Após o cumprimentar, perguntei: senhor, aqui é Porto Alegre “do” Brasil? “Sim, é Porto Alegre”, respondeu-me. Prontamente indagou: “Você é da África, né?” Sim, sou da Guiné-Bissau. Sorri para ele e logo percebi sua cara de estranheza. Rapidamente, me contive. “Onde fica isso?” Retrucou, ele. O quê? Perguntei-lhe. “Seu país fica aonde?” Respondi: “Ah, o meu país se localiza na África Ocidental. Somos da mesma comunidade de CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), também falamos o português”. “Hummm...”, ele disse.

O que me parecia óbvio causou tamanha surpresa no rosto daquele senhor. Logo, questionei-me: como ele sabe que eu sou da África e não conhece o meu país? Talvez ele simplesmente não me ouviu bem e/ou não entendeu meu “sotaque”... mas falei bem alto e todos nós temos sotaques! Indaguei-me de boca calada. Pois meu pai dizia “pergunte sempre para uma pessoa mais velha, se ele não souber responder a sua pergunta, preste a atenção no que ele dirá depois, pessoas mais velhas sempre tem algo a dizer”.

Perguntei a um inocente? O meu pai estava errado? Para um guineense exposto à mídia de massa, apaixonado pelo Brasil que via na TV, aquele homem era uma exceção? O tempo se foi, e agora percebo que se tinha um inocente naquele lugar, naquele dia, naquela hora, era eu! Aquele homem tinha algo para me dizer, o meu pai estava certo. Pessoas da minha cor só podem ser da África. Pouco importa se veio do Caribe, não se trata de nascer no continente africano, basta a sua cor de pele.

Continuemos... enquanto eu esperava a pessoa que viria me levar para casa, segui me questionando: existem pessoas negras nesta cidade? Só tem negros no Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza (cidades brasileiras mais conhecidas na sociedade guineense)? Ah, se eu soubesse que existia um pedaço das terras africanas no Brasil chamado Bahia.

De tão inocente que eu era, olhava continuamente por alguns minutos sem piscar os olhos, custava-me acreditar que já estava no Brasil, em Porto Alegre, minha nova morada, até parar nos braços da conterrânea que me foi buscar no aeroporto Salgado Filho.

Dió, só tem brancos nessa cidade? Foi a minha primeira pergunta depois do abraço. “Não, claro que não. Tem muitos negros aqui”, respondeu-me. Sério? Mas não vejo nenhum negro aqui! Teimosamente, lhe devolvi a pergunta. Aí começou toda uma longa explicação que foi parar no trem, onde felizmente havia um número notável de pessoas da minha cor. Isso me fez poupar a Dió de tantos questionamentos, e olha que não sou uma pessoa curiosa. “Graças a Deus”, deveria estar dizendo ela sossegadamente, sem ter que abrir a sua boca. Aliás, nem dava tempo para perceber que o meu segundo sonho ao pisar no Brasil, muito embora alcançável, não aconteceria como eu previa, já que esqueci até de perguntar se os meus trocadinhos davam para comprar o tão esperado cachorro-quente brasileiro.

Acreditem, eu poderia estar perguntando sobre outras coisas do Brasil que eu via na TV. Mas “o sistema” proibiu-me desta opção. E daí? Caiu a ficha? Favor, deixem-me tomar primeiro um copo d’água, lhes direi em seguida...

Quando a ficha caiu?

No meu primeiro dia de aula na faculdade, março de 2012, meu primeiro semestre no curso de Administração, estava todo ansioso para conhecer os colegas de classe. Acreditem, cheguei quase meia hora antes do horário programado para a aula de “Sociologia Aplicada à Administração”, afinal era também a minha primeira aula em uma universidade. Apesar de encarar uma viagem de quase 40 minutos do Campus do Vale para a escola de Administração em um ônibus, cuja superlotação não fez com que alguém quisesse sentar-se ao meu lado, não dava para esconder a alegria estampada na minha cara. Filho de um agricultor, em uma universidade, é muita coisa, né!

Ao chegar na instituição, fui tomar um café enquanto esperava a hora da aula. Passou uns 20 minutos, me aproximei da porta da sala de aula, pouco a pouca colegas de turma vem se juntando a mim, por enquanto, tudo normal. Aliás, eu estava mais preocupado em como me apresentar para a turma, com medo de gaguejar. Aí de repente chegou a professora, abriu a porta e nós entramos na sala.

Desde que comecei a estudar, cultivei hábito de sentar-me sempre na primeira fila da turma mas, naquele dia, não sei como eu fui parar na última fila, quiçá pela a força de timidez, imperceptível? Ah, não! Será que eu estava sendo perseguido pela a minha nova realidade?

Antes ainda, bem quieto no meu cantinho, fugindo do olhar da professora, notei que eu era apenas mais “um” na turma. Um guineense? Um africano? Sim, mas também um único negro numa turma constituída por de mais de 30 alunos. Não, mentira, tinha uma negra que não veio na primeira aula. Mas e daí? Isso muda tudo? Em um país com a população majoritariamente negra? Reflita-se!

O que eu senti naquele momento foi a sensação de ermo, no meio de toda a turma branca, ainda bem que pude contar com a simpatia da professora. Ah, contentava-me dizer apenas “eu” ou “aqui”, para responder a chamada, como seguidamente respondiam outros colegas que me antecederam. Mas no final da chamada, a professora notou em mim sei lá o quê, desta vez, não poderia ser meu sotaque, pois só respondi o habitual “eu” quando ouvi o meu nome. Mesmo assim,

pediu-me para apresentar, “fale um pouco sobre você. Você não é daqui né?” Fi-lo imediatamente! Depois disso, tornei-me professor de geografia (sem diploma) por quase 5 minutos. Tempo suficiente pelo menos para explicar aos meus colegas de classe que a África não era um país, e sim um continente composto à época por 54 países.

Poxa, sabemos um pouco do Brasil, torcemos por Brasil, alegamos-nos por cada gol marcado pelo Brasil, cada vitória era uma festa de júbilo e quase ninguém nesta terra sabe onde se localiza o meu o meu país? Interrogava-me no caminho de volta à casa, de cabeça baixa, depois de uma longa manhã exausta e desiludida. Foi virando uma rotina essa situação, abrindo espaço tanto para a desilusão quanto para o inconformismo.

A verdade é que cheguei ao Brasil tão inocente e desprevenido que me custava deixar cair a ficha tão cedo, resisti o quanto pude! Faltava-me o fôlego para encarar a nova realidade que me cercava a todo o momento. Tudo isso em nome do afeto, admiração e paixão que cultivei desde criança, se é que vocês me entendem. Não obstante, garanto-lhes, nunca me resignei!

Como posso aceitar passivamente se ainda continuo sendo patrulhado em cada supermercado, em cada loja, em cada shopping, em cada lugar que eu piso?

Como assim ser “indiferente”? Numa sociedade onde ninguém assume ser racista, mas a minha cor assusta tanto que algumas pessoas correm o risco de serem atropeladas, fugindo para não encontrar comigo na calçada?

Como posso me sentir sossegado num país onde a minha cara sempre parece com a de alguém que acabou de roubar alguma coisa?

São interrogações que agora pairam sobre a minha cabeça depois de oito anos neste país que também é a minha segunda casa. Interrogações que não cabem no meu pequeno coração. Que Ogum me cuide!

“Antes de chegar ao Brasil, tinha consciência de seu passado escravista. Mas só pisando no Brasil descobri seu racismo. No Brasil, da pior forma, me descobri negro.” Vanito Ianiun Vieira Cá

NEGUINHO

Sou um ser humano
Como toda a humanidade
Tenho moral

Neguinho
Sou Africano
Meu berço é a África
Não nasci escravo
Fui escravizado

Neguinho
Sou Negro
De uma raça
De uma etnia
De uma cultura

Neguinho
Ainda sinto raiva
Raiva de quem?
De quem me chama de Zé ninguém
Raiva de quem?
De quem vê na minha cor maravilhosa
Pobreza, favela, assalto

Branquinho
Somos todos iguais
Não levamos nada
Desta vida desigual



POR AMOR ...

Por amor...
Guardei meus escritos
Guardei meus versos
Guardei no baú da vida
Guardei sem hesitar

Por amor...
Nunca agi sozinho
Por tanto chorar
Por tanto sorrir

Por amor...
Estou aqui sorrindo
Com meus versos e rimas
Eu respiro, eu transpiro
É real. Ninguém vai me afastar desse amor.



CONFORMEI-ME!

Conformei-me!
Dizem que não sou “civilizado”
Porque eu vim de Firbidik²
Porque não sei falar o kriol³
Também não conheço fatu-foradu⁴

Conformei-me!
Com esse meu chapéu de sibi⁵
Com esse meu cinto de nansinhu⁶
Com a minha kandjirba di siti⁷
Mérito do meu fundinhu⁸

Conformei-me!
Com a minha casa de palha
Minha varanda de terra batida
Minha cama de canapé⁹

Conformei-me!
Com a minha Bidanda¹⁰
A terra que me dá a comida
Para saciar a minha fome
Sem manchar a minha honra

² Tabanka (aldeia).

³ Kriol ou crioulo – É o idioma mais falado na Guiné-Bissau, predominantemente no capital, Bissau. Tem uma estruturação gramatical próxima das línguas africanas.

⁴ Terno.

⁵ Palha carandá

⁶ Corda feita com fibra de bananeira, usada para tecer a palha de casa

⁷ Sedimento de óleo de palma.

⁸ Calção largo usando por algumas etnias da África Ocidental no trabalho de campo ou da lavoura.

⁹ “Termo genérico que designa um assento sem braços e sem encosto feito com fibras vegetais tecidas ou com tiras de plástico”. Fonte: <https://bit.ly/326S-mf4>. Acesso em 09/07/2020.

¹⁰ Aldeia localizada na região de Tombali (Sul da Guiné-Bissau).